

DIALETOLOGIA: DE GILLIÉRON À ATUALIDADE

DIALECTOLOGY: FROM GILLIÉRON TO NOWADAYS

Rictor de Oliveira Dantas*

UEPG

Valeska Gracioso Carlos**

UEPG

Resumo: Devido ao interesse do ser humano pela língua, e posteriormente pela sua variação, este trabalho tem, por objetivo, aprofundar a discussão sobre a variação linguística de acordo com três ramos dos estudos linguísticos: a Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]); a Dialetoлогия (COSERIU, 1957; FERREIRA, 1994; CARDOSO, 2010); e a Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 1998). Para tanto, recorreremos a uma retomada histórica dos referenciais teóricos de cada área. Com isso, conseguimos perceber a importância dos estudos sobre a variação linguística, e como a Dialetoлогия, por exemplo, incorporou métodos de análise da Sociolinguística, e vice-versa. Por fim, concluímos que tanto os estudos dialetológicos quanto os estudos sociolinguísticos estão imbricados e em constante desenvolvimento.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Sociolinguística. Dialetoлогия Pluridimensional.

Abstract: Due to the human's interest for the language, and after that for its variation, this paper aims to deepen the discussion about linguistic variation according to three areas of linguistics studies: Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]); Dialectology (COSERIU, 1957; FERREIRA, 1994; CARDOSO, 2010); and Pluridimensional Dialectology (THUN, 1998). Therefore, we resort to a historical review of the theoretical references from each area. Thereby, we manage to notice the studies about linguistic variation importance, and how Dialectology, for instance, has incorporated Sociolinguistics analysis method, and vice-versa. Lastly, we concluded that dialectological studies and sociolinguistic studies are imbricated and constantly developing.

Keywords: Dialectology. Sociolinguistic. Pluridimensional Dialectology.

INTRODUÇÃO

O interesse pela linguagem sempre foi inerente ao ser humano, seja pela literatura e poesia, seja pela religião, pela filosofia, pela história, pelo estudo das línguas, pela sua organização, pela descrição, pela variação etc. No entanto, esse interesse tampouco tem sido única e exclusivamente uma preocupação dos linguistas.

Os estudos da variação linguística são relativamente recentes enquanto ciência. Todavia, a diversidade linguística já é relatada em trechos do Antigo Testamento, conforme Chambers e Trudgill (1994, p. 35-36):

* Mestrando em Estudos da Linguagem. E-mail: rycktor@gmail.com.

** Professora Doutora em Estudos da Linguagem. E-mail: vgcarlos@uepg.br.

Una de las muestras más venerables y quizás la más sangrienta de una diferencia dialectal aparece en el Antiguo Testamento, cuando los galaaditas combatían con los efrimitas en el Jordán. Algunos efrimitas habían infiltrado en las líneas galaaditas y se hacían pasar por aliados. Un jefe galaadita inventó un medio de detectar a los impostores: llamaba a un sospechoso y le hacía pronunciar el nombre dado a la espiga de trigo, que los galaaditas denominaban *shibboleth*. Según el relato bíblico (Jueces 12, 6), <<decía *shibboleth* porque no podía pronunciarlo correctamente. Entonces lo agarraban y lo degollaban>>.¹

Outro linguista que traz contribuições nesse sentido é Camacho (2013), quando cita a passagem bíblica do Gênesis (11:1-9) que relata o mito da torre de Babel,² segundo o qual, anteriormente, o mundo era harmônico, pois só havia uma língua, porém, ao desafiar a autoridade de Deus, os homens receberam como punição “a diversidade linguística” (CAMACHO, 2013, p. 17).

Em ambos os casos bíblicos citados, a referência à diversidade linguística é apresentada como algo negativo. No entanto, para a Linguística, toda língua, todo dialeto, toda variedade é um sistema de signos estruturados capaz de transmitir a realidade histórico-social de uma comunidade.

O caráter variacionista da língua é inerente à sua estrutura, ou seja, ela muda porque se concretiza na interação linguística delimitada por um tempo e um espaço definidos socialmente. Conforme Coseriu (1988, p. 69),

La lengua cambia justamente porque no está hecha sino que se hace continuamente por la actividad lingüística. En otros términos, cambia porque se habla: porque sólo existe como técnica y modalidad del hablar. El hablar es actividad creadora, libre y finalista, y es siempre nuevo, en cuanto se determina por una finalidad expresiva individual, actual e inédita. El hablante crea o estructura su expresión utilizando una técnica y un material anterior que le proporciona su saber lingüístico. La lengua, pues, no se impone al hablante, sino que se le ofrece: el hablante dispone de ella para realizar su libertad expresiva.³

¹“Uma das mais veneráveis e talvez sangrenta da diferença dialetal aparece no Antigo Testamento, quando os galaaditas lutavam contra os efrimitas no rio Jordão. Alguns efrimitas tinham se infiltrado nas linhas galaaditas e se faziam passar por aliados. Um chefe galaadita inventou um meio de detectar aos impostores: chamava o suspeito e lhe fazia pronunciar o nome dado a espiga de trigo, que os galaaditas denominavam de *shibboleth*. Segundo o relato bíblico (Juízes 12, 6), ‘dizia *shibboleth* porque não podiam pronunciar-lo corretamente. Então o agarravam e o degolavam’”.

²“E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; e o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra”. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/>. Acesso em: 12 abr. 2014.

³“A língua muda justamente porque não está pronta e acabada, mas, sim, fazendo-se continuamente pela atividade linguística, em outros termos, muda porque se fala: porque só existe como técnica e modalidade de falar. O falar é uma atividade criadora, livre e finalista, e é sempre novo, enquanto determinado por uma atividade expressiva individual, atual e inédita. O falante cria ou estrutura sua expressão utilizando uma técnica e um conhecimento anterior que lhe proporciona seu saber linguístico. A língua, desse modo, não se impõe ao falante. Mas sim lhe é imposta, pois o falante se dispõe dela para realizar sua liberdade expressiva”.

Nessa perspectiva, há variação porque a língua é viva e dinâmica. Se, por um lado, ela é social e coletiva, por outro, é individual, psicológica e dependente do sujeito para se concretizar (SAUSSURE, 2012 [1916]).

Para aprofundar os estudos de variação linguística, julgamos necessário passar pelos ramos da Linguística que, no decorrer da história, têm se dedicado à busca de respostas para os problemas da variação e da mudança linguísticas: a Dialetoлогия e a Sociolinguística.

A DIALETOLOGIA

Os primeiros trabalhos de cunho dialetológico, ou seja, que se preocupavam com o estudo da linguagem pelo viés da variação e da diversidade dos usos, surgem no final do século XIX. Chambers e Trudgill (1994, p. 39-45), por exemplo, esclarecem que as primeiras tentativas para sistematizar as diferenças dialetais surgiram em resposta às leis fonéticas, que postulavam que as mudanças ocorriam de forma regular e para todas as línguas, simplesmente motivadas pela configuração fonética das palavras. Nesse contexto, a Dialetoлогия configurou-se como o ramo da Linguística que busca identificar diferenças dialetais de falantes da mesma língua. Um dos principais objetivos dessa área de investigação é o de determinar isoglossas.⁴ Contudo, a representação das variantes regionais, em mapas, mostrou que os limites espaciais para a variação linguística não eram tão nítidos como se esperavam. Além disso, as respostas do mesmo informante podiam variar até de um dia para outro.

Esses primeiros estudos mostraram que os dialetos não estavam enquadrados em barreiras intransponíveis e, se as isoglossas para cada palavra envolvida numa mudança sonora fossem coincidentes, a hipótese dos neogramáticos teria sustentação. Em consequência disso, desenvolve-se um conjunto de métodos de coleta sistemática de dados das diferenças dialetais: a Geografia Linguística.

A primeira tentativa foi realizada por Wenker, na Alemanha, em 1876, por meio de inquéritos enviados a professores por correspondência. Os resultados foram publicados em dois volumes, feitos a mão, em 1881, sob o título de *Sprachatlas des Deutschen Reichs*. Com o intuito de aprimorar os métodos de Wenker, Gilliéron escolheu apenas um inquiridor, Edmond Edmont, para realizar a tarefa de recolha dos dados *in loco*. Treinado pelo próprio Gilliéron para empregar adequadamente a transcrição fonética, Edmont percorreu 639 localidades e coletou aproximadamente 700 entrevistas. Os dados deram origem ao *Atlas Linguistique de la France* (ALF), publicado entre 1902 e 1912. Esse foi o primeiro estudo geolinguístico que cartografou fenômenos morfológicos e lexicais, além dos fonéticos.⁵ A eficácia do projeto de Gilliéron incentivou novos estudos na área da Dialetoлогия e consolidou uma nova metodologia de recolha de dados: a Geografia Linguística ou Geolinguística (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994).

Os princípios metodológicos da Geografia Linguística foram se aprimorando e tornando-o o método de pesquisa e de coleta de dados específica da Dialetoлогия. Segundo Radtke e Thun (1996, p. 32), a chamada *crise do método geolinguístico* se deu basicamente pelo seu distanciamento em termos de descrição da realidade linguística, principalmente por não levar em conta

⁴ Entendemos por isoglossa “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 12-13).

⁵ Cf. García Mouton (2010 [1996], p. 64).

o mundo moderno refletido pela mobilidade populacional e com os meios de comunicação em massa. Os estudos geolinguísticos que recebiam destaque somente pela descrição das línguas em seu espaço areal foram, aos poucos, incorporando aspectos extralinguísticos, inerentes aos falantes, assim, unindo, à perspectiva diatópica, o enfoque sociolinguístico.

Desse modo, a Dialectologia tem, por objetivo, “estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas” (CARDOSO, 2010, p. 45).

A perspectiva diatópica é essencial para recriar, a partir do estado sincrônico da língua, a sua história em determinado local. No entanto, não podemos deixar de mencionar que, num primeiro momento, a individualidade geográfica e, conseqüentemente, a linguística, estavam, de algum modo, mais salvaguardadas pela dificuldade de comunicação e interação entre as comunidades de fala, pela dificuldade de locomoção, ou mesmo pela falta de meios tecnológicos. Atualmente, os avanços tecnológicos, a facilidade de locomoção, as mudanças ocorridas nos papéis sociais devem ser considerados para a pesquisa dialetológica. Essas mudanças de cunho social se refletem na língua falada por uma comunidade e, portanto, também é tarefa da Dialectologia apurar diferenças entre falas de homens e mulheres, entre diferentes classes sociais, entre diferentes faixas etárias. Ademais, não se pode negar que a população é cada vez menos estática, o que atribui um caráter dinâmico e mais passível de variação à língua.

Se, num primeiro momento, os estudos dialetológicos estavam pautados na busca da língua de uma época passada, uma fala pura e sem interferências e, por isso, pautou-se na escolha de informantes homens, adultos, rurais e sedentários, contudo, essa opção foi alvo de críticas nas últimas décadas.

Conforme Ramírez (2010), um dos maiores problemas dos métodos de investigação da Dialectologia (tradicional/monodimensional) foi o da seleção dos informantes: idosos, que tendem a utilizar as formas vernáculas mais tradicionais e menos contaminadas pelo contato com outras variedades linguísticas. No entanto, tais respostas podem distorcer a realidade linguística da região, pois é possível que alguns adultos da mesma zona apresentem variantes diferentes em seu repertório linguístico. Frente do exposto, é inegável que a sociedade contemporânea trouxe muitos desafios às pesquisas dialetológicas.

Esse tipo de pesquisa está embasado em alguns princípios essenciais, a saber: a rede de pontos (área a ser submetida à investigação dialetal), os informantes (número estatisticamente representativo de falantes da língua na área de estudo, selecionados segundo o perfil previamente definido, considerando as variáveis como *sexo*, *idade* e *escolarização*) e o questionário linguístico (instrumento de recolha de dados), cada qual definido e elaborado de acordo com os objetivos estabelecidos para o estudo.

No entanto, mesmo com tantos trabalhos dialetológicos realizados em âmbito nacional e internacional, não há um consenso com relação ao número ideal de pontos, de informantes, ou com relação à extensão do questionário, pois estes variam de acordo com os objetivos da pesquisa (SILVA-CORVALÁN, 1989). Porém, podem-se seguir orientações para a seleção do informante como a utilização de parâmetros sociais, como, por exemplo, *sexo*, *idade* e *escolaridade*.

A escolha da área geográfica da pesquisa está diretamente relacionada à rede de pontos, que deve ser reveladora dos fenômenos de variação. A seleção das localidades deve estar embasada na relação entre a extensão territorial e a população da área do estudo. Ainda, devem-se considerar aspectos históricos (povoamento, migrações), econômicos e sociais de cada localidade.

A seleção dos informantes é de fundamental importância para a representatividade da fala da localidade, portanto, o controle de variáveis deve ser considerado, tais como: naturalidade, idade, escolaridade, profissão, domicílio, viagens efetuadas, estado civil, naturalidade dos pais e do cônjuge, entre outros. Ainda, essa seleção deve ser realizada com vistas a dois parâmetros, que, por vezes, estão relacionados: o número de informantes por localidade e o perfil dos mesmos. A escolha das variáveis sociolinguísticas acaba por definir esse número. Por exemplo, se incluímos a variável *sexo*, automaticamente teremos dois informantes, um homem e uma mulher; se incluímos, à variável *sexo*, duas faixas etárias, teríamos quatro informantes, ou seja, uma mulher da primeira faixa, uma mulher da segunda faixa, um homem da primeira faixa, um homem da segunda faixa, e assim, sucessivamente, conforme o acréscimo das variáveis sociolinguísticas.

A preparação do questionário linguístico está também pautada nos objetivos da pesquisa. Deste modo, deve ser elaborado com vistas a extrair as variantes a que o estudo se dedica. Assim, conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 30),

O questionário que se destina a uma investigação de natureza dialetal convém que tenha a sua elaboração regida pelos objetivos que se pretende atingir. Se trata de um levantamento geral das características do dialeto da região, o questionário precisará ser amplo e abrangente, tocando nas diferentes áreas semânticas que informam o mundo bio-social.

Uma vantagem dos trabalhos dialetais produzidos atualmente é que, com a publicação de vários atlas regionais e outros trabalhos dialetais, muitos dados podem ser comparados, se houver a utilização, na coleta de dados, de questões e de perfil de informantes similares. Essa conduta permite a comparabilidade dos dados e, com isso, identifica pistas de que caminho seguir para que o trabalho seja produtivo e retrate com fidelidade a fala viva da área pré-estabelecida.

De acordo com o tipo de dado a ser coletado, o questionário pode ser fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, prosódico, pragmático-discursivo e metalinguístico. Segundo Silva Neto (1957, p. 30), a aplicação do questionário é uma “tarefa que precisa ser ‘verificada’ e ‘testada’, experimentada em recolhidas de dados preliminares, a fim de se lhe corrigirem defeitos e sanarem as lacunas”. Sanados os possíveis problemas e reelaborado o questionário, é papel do inquiridor fazer a coleta.

O inquiridor assume um papel fundamental na pesquisa de campo. É sua a responsabilidade de garantir o rigor científico da pesquisa dialetológica para que se tenha, de fato, uma representação espacial e social da fala viva. Para Silva Neto (1957), existem certas condições necessárias ao inquiridor:

- a) ter bom ouvido e gosto pela linguagem popular; conhecer bem a região e a língua, sobretudo se se tratar de um estrangeiro; c) ter tato e simpatia pessoal, para merecer a confiança e a boa vontade dos informantes que, em caso contrário, podem

não responder ou, o que é bem possível, e pior, responder propositalmente errado; d) conhecer bem o questionário que se vai aplicar (SILVA NETO, 1957, p. 31).

Ainda, segundo o mesmo autor, é preferível que os dados sejam recolhidos *in loco*, gravados e transcritos pelo próprio pesquisador (SILVA NETO, 1957, p. 27).

O material recolhido pode dar origem a diferentes trabalhos como glossários, monografias, cartas linguísticas, etc. Assim, a divulgação dos resultados de uma pesquisa de cunho dialetológico está basicamente dividida: (i) em trabalhos de análise linguística: trabalhos monográficos; e (ii) em trabalhos de descrição linguística: atlas linguístico (MORENO FERNÁNDEZ, 1990, p. 41).

Ferreira e Cardoso (1994, p. 36) chamam a atenção para a diferença entre a publicação dos resultados de trabalhos dialetais e outros de outra natureza, pois os dialetais, muitas vezes, ao serem concluídos, convertem-se em um “marco inicial para um trabalho de análise de dados e de conclusões sobre os fatos que são considerados”. É o que acontece com os Atlas Linguísticos, pois quando estes são editados, uma etapa está concluída, porém, é quando “começam todas as possibilidades de investigação sobre a região em si mesma e/ou confronto com outras, com a utilização do que no atlas se tem documentado” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 36)

Os atlas linguísticos representam a distribuição de variantes linguísticas em determinada área geográfica por meio de mapas/cartas linguísticas. Para Silva Neto (1957, p. 37),

os atlas linguísticos são reuniões de cartas em que o material linguístico está distribuído topograficamente. Cada carta apresenta um instantâneo dialetal da área explorada: nelas podemos observar, sincronicamente, tôdas as maneiras de dizer, pronunciar, construir frases, enfim, todos os meios de expressão de que se dispõe o grupo humano estudado.

As cartas linguísticas podem registrar a variação fonética, lexical ou morfossintática da língua. Se, originalmente, as cartas linguísticas apresentavam apenas as variantes distribuídas diatopicamente, sem controle de variáveis sociais e sem notas complementares, com o passar do tempo e com a experiência na produção de atlas, os dialetólogos começaram a incluir, nas cartas, aspectos etnolinguísticos e variáveis sociolinguísticas, possibilitando assim uma melhor interpretação dos dados.

De acordo com Cardoso (2010, p. 67), “os atlas linguísticos, no curso da história, espelham orientação diversa e metodologias particulares, seja pela maneira de focalizar os espaços geográficos, seja pelo modo de registrar os dados ou ainda pela forma de tratá-los cartograficamente”.

Com relação ao espaço geográfico, todos os atlas, a partir do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), podem ser divididos em quatro tipos diferentes: regionais, nacionais, de grupo linguístico e continentais (ALINEI, 1994 *apud* CARDOSO, 2010, p. 67). Já Karl Jaberg (1955 *apud* GARCÍA MOUTON, 2010 [1996], p. 67-68) os divide em atlas de grande domínio e atlas de pequeno domínio, ressaltando a utilidade e os distintos alcances dos tipos diferentes de atlas.

Os atlas de grande domínio, como os nacionais, justificam-se à medida que trazem uma visão geral do conjunto dos fenômenos linguísticos de uma área geopolítica. No entanto, os atlas regionais, por abrigarem um território mais reduzido, apresentam a vantagem de documentar com maior profundidade a língua oral de uma região específica. Contudo, um atlas nacional não

exclui a necessidade da existência de atlas regionais e vice-versa, pois têm alcances distintos, e, portanto, complementam-se. Conforme Alvar (1969, p. 165),

los Atlas nacionales y los Atlas regionales deben coexistir y en modo alguno excluirse. El Atlas nacional dará sentido a lo que queda, como garabato de dudas, en los Atlas regionales, y éstos – no he dicho otra cosa – llegan al por menor que debe ser desatendido en aquéllos”.⁶

Se, na França, o empreendimento de Gilliéron, por meio do ALF, forneceu uma imagem linguística geral do país e, posteriormente, com Albert Dauzat, que se aprofundou na fala regional francesa com o *Nouvel atlas linguistique de la France* por regiões (NALF), no Brasil, ocorreu o inverso, pois, devido à dimensão territorial do país, às dificuldades financeiras e à falta de pesquisadores capacitados para a função, surgiram, primeiramente, os atlas regionais, para, posteriormente, depois de sedimentada a Dialetologia brasileira, a partir de 1996, ser lançado e desenvolvido o projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (FERREIRA; CARDOSO, 1994).

No Brasil, ainda conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-62), a primeira fase dos estudos dialetais, de 1826 a 1920, foi caracterizada por trabalhos voltados para o português do Brasil, sobretudo o léxico regional. A segunda fase tem seu início com a obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920) e culmina com *O Linguajar carioca* (1922), de Antenor Nascentes. Essa fase se caracteriza por trabalhos, em sua maioria, de cunho gramatical. Assim como na primeira fase, ainda registra-se ausência de trabalho sistemático de campo, mas surge a preocupação com a metodologia e com a observação direta. A terceira fase dos estudos dialetológicos no Brasil inicia-se com a preocupação em fazer um atlas nacional. Nessa fase, são publicadas obras teóricas de fundamental relevância para a solidificação de uma “mentalidade dialetológica” no Brasil, tão ansiada por Serafim da Silva Neto:⁷ *Guia para estudos dialetológicos* (1957), de Serafim da Silva Neto, *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958), de Antenor Nascentes, *A Dialetologia* (1967), de Nelson Rossi, *Uma política do idioma* (1968), de Celso Cunha, dentre outros.

No III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em 1957, em Lisboa, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha reconhecem a impraticabilidade de realização de um único atlas nacional, questão retomada posteriormente por Antenor Nascentes, em *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958, p. 7):

Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se a elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto, ainda mais, pobre e sem fáceis vias de comunicação.

Nelson Rossi, na Bahia, inicia um trabalho em equipe que deu origem ao primeiro atlas produzido no Brasil: *O Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963. O trabalho

⁶“Os Atlas nacionais e os Atlas regionais devem coexistir e de modo algum se excluir. O Atlas nacional dará sentido ao que fica, como um gabarito de dúvidas, nos Atlas regionais, e estes – não dito outra coisa – podem chegar detalhes não registrados naqueles”.

⁷“No Brasil, terra onde estão em princípio os estudos de Filologia Românica, é preciso, antes de mais nada, criar uma mentalidade dialetológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo” (SILVA NETO, 1957, p. 9).

pioneiro, dirigido por Rossi, contou com um grupo de nove inquiridores, recém-licenciados e devidamente treinados por ele. O APFB recobre todo o estado da Bahia, com uma rede de pontos constituída por 50 localidades. A importância atribuída a esse trabalho não evoca somente seu pioneirismo, mas principalmente a sua relevância para o registro do falar regional da Bahia e, conseqüentemente, grande parte do falar nordestino.

Após a publicação do APFB, surgem vários outros atlas linguísticos estaduais e um de caráter regional: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), em 1977; o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB), em 1984; o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), em 1987; o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), em 1994; o *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul* (ALERS), em 2002; o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (2004); *Atlas Linguístico de Sergipe-II* (ALS-II), em 2005; o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS), em 2007, e o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE), em 2010. Além disso, foi publicada nova edição do *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul* (ALERS), em 2011. Ainda há vários projetos de atlas em andamento e outros já produzidos, como dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, ainda inéditos.

Ainda no Brasil, com relação ao percurso metodológico, a Dialetoлогия foi consolidando seus métodos de pesquisa e evoluindo conforme novas possibilidades de pesquisa e diferentes focos de análise. Antes preocupada apenas com os dialetos rurais e informantes analfabetos ou de baixa escolaridade, a Dialetoлогия interessou-se também pela fala dos grandes centros urbanos.⁸

Com o passar dos anos, os trabalhos dialetológicos foram incluindo algumas variáveis anteriormente não consideradas nesse tipo de pesquisa, como *sexo, idade, escolaridade, nível social* e os diferentes usos da língua em variadas situações sociais. Assim, o método geolinguístico ganha um enfoque sociolinguístico nos estudos dialetológicos. De acordo com Cardoso (2006, p. 215),

[...] a Dialectologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

A retomada da proposta de realização de um atlas linguístico nacional, por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia em novembro de 1996, pode ser vista como o início de uma quarta fase na história da Dialetoлогия brasileira (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 19). O Projeto ALiB, idealizado desde 1952, é sediado na UFBA e conta com um grupo de pesquisadores de 16 universidades brasileiras. O objetivo central do ALiB é a descrição da realidade linguística da Língua Portuguesa no Brasil e, como metodologia, atende aos princípios da Geografia Linguística Pluridimensional. No ano de 2014, foram publicados os primeiros dois volumes do ALiB. O primeiro volume introdutório apresenta a história do projeto, a metodologia, a rede de pontos, dados sobre o questionário e o perfil do informante, além de informações

⁸ Em 1969, por iniciativa de Nelson Rossi, surge o Projeto de Estudo Conjunto da Norma Culta no Brasil, o Projeto NURC. Desenvolvido em cinco capitais brasileiras, o projeto tinha como principal objetivo descrever o uso normal culto brasileiro (FERREIRA; CARDOSO, 1994).

sobre a cartografia dos dados. O segundo volume traz, em cartas linguísticas, os dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais, obtidos nas 25 capitais brasileiras.

O estudo da variação diatópica, ou seja, o conhecimento das variedades regionais de uma língua se consolida com a Dialetoлогия, no entanto, a Sociolinguística traz contribuições fundamentais à disciplina, sobretudo com relação ao método geolinguístico.

A Dialetoлогия tradicional ou monodimensional, que se ocupava apenas da variação espacial, com a variação linguística em áreas rurais e centralizava seu interesse no homem com pouca ou nenhuma escolaridade, incorporou um caráter pluridimensional ao incluir variáveis sociolinguísticas em sua orientação metodológica.

Vejamos as contribuições da Sociolinguística para a compreensão dos fenômenos que podem acarretar a variação linguística.

A SOCIOLINGUÍSTICA

Para Moreno Fernández (1990), o nascimento e o desenvolvimento da Sociolinguística se devem às muitas incursões realizadas dentro da Dialetoлогия. “Puede decirse que la metodología de la primera es resultado parcial de una desgajadura de la segunda” (MORENO FERNÁNDEZ, 1990, p. 41).⁹

Os vazios teóricos referentes à mudança linguística começaram a ser preenchidos, na década de 60 do século XX, pela Sociolinguística Variacionista, que muda o foco do objeto de estudo da Linguística a partir de uma nova concepção de língua, que busca contemplar de maneira sistemática a dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico. Essa nova concepção nasce em 1964, quando vinte e cinco pesquisadores se reuniram na Universidade da Califórnia em Los Angeles em uma conferência, promovida por William Bright, que iniciou a discussão sobre a Sociolinguística (CAMACHO, 2013). Contudo, existiam linguistas que:

[...] já desenvolviam em seus trabalhos teorias de natureza claramente sociolinguística, como é o caso de Meillet (1866-1936), e Bakhtin (1895-1975) e membros do Círculo Linguístico de Praga. Esses são pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante – pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 11).

Inicialmente, para os sociolinguistas, a língua, independentemente de ser analisada sincrônica ou diacronicamente, deve ser entendida, para fins de análise, como objeto de estudos constituído de uma heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Entendemos, então, que “[...] a língua [...] é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável, e está sempre em desconstrução e em reconstrução” (BAGNO, 2007, p. 36). É importante frisar que essa “desconstrução” e “reconstrução” acontecem na comunidade de fala, e os responsáveis por elas, são, justamente, os falantes de tal comunidade. Não podemos separar língua e falante. Ainda, outro ponto importante que precisamos compreender melhor é

⁹“Pode-se dizer que a metodologia da primeira é o resultado parcial de um desdobramento da segunda”.

o uso da palavra “instável”. Quando o autor se refere ao fato de a língua ser instável, quer dizer que ela não é estática, estacionária.

Assim sendo, “essa nova visão da variação nos permite entendê-la como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas e atribui à variação um caráter sistemático e controlado. Nessa perspectiva, a variação já não pode ser vista como aleatória e irregular e a língua como um sistema estático e homogêneo” (CARMO; CARLOS, 2019, p. 116). Dessa forma, a variação linguística se tornou objeto de estudo sistemático, ou seja, se não ocorre de forma aleatória, é possível analisá-la.

Sendo, assim, o principal modelo teórico que estuda a variação linguística pretende descrever essa heterogeneidade ordenada a partir da língua em uso pelos falantes de determinada comunidade de fala.¹⁰ Ou seja, entendendo que a língua e o falante (e, conseqüentemente, a sociedade) são indissociáveis, só faz sentido o estudo da língua se este for por meio dos próprios falantes que a utilizam. Segundo Labov (1982, p. 18), “o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social”. A fim de exemplificarmos nossa posição, utilizamos a fala de Labov:

A condição normal da comunidade de fala é a da heterogeneidade: podemos esperar encontrar uma larga gama de variantes, estilos, dialetos e linguagens usados por seus membros. Mais ainda, esta heterogeneidade é parte integrante da economia linguística da comunidade, necessárias para satisfazer as demandas linguísticas da vida cotidiana (LABOV, 1982, p. 17).

A partir da compreensão da heterogeneidade linguística, teremos, também, de pensarmos na heterogeneidade do próprio falante (como vimos acima, uma das peças principais na descrição sociolinguística), isto é, se a língua é heterogênea, faz sentido que o falante também o seja para que possa lidar com a dita heterogeneidade. Então, não consideramos mais o usuário da língua, ou seja, o falante como um sujeito passivo perante ela, pelo contrário, esse sujeito agirá utilizando-a, mesmo que seja de forma mais ou menos consciente. Existem alguns fatores que determinarão as escolhas linguísticas que o falante ativo faz, a saber: o interlocutor que interagirá com o falante; as intenções comunicativas do próprio usuário, o ambiente em que esse usuário se encontra; entre outros. Esses fatores, em conjunto, acabam formando a situação comunicativa que guiará a escolha do usuário. Ou seja, em determinada situação que exige uma variedade mais monitorada da língua, é essa variedade que o falante utilizará, mesmo que de forma não totalmente consciente, assim o é, para situações que exigem menos monitoramento. Em suma, o falante acaba por assumir seu papel diante de sua comunidade de fala, e, com isso, constrói e reconstrói a língua. Diante do exposto, podemos dizer então que:

A sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer

¹⁰ Conforme Moreno Fernández (1990, p. 54, tradução nossa), o conceito de comunidade de fala é constantemente revisado e está definido a partir de quatro perspectivas: “i) Perspectiva linguística: pessoas que utilizam uma dada variedade; ii) Perspectiva interativa: rede de interação que controla os usos linguísticos; iii) Perspectiva da sociologia do conhecimento: grupo que comparte o conhecimento de umas regras de conduta e de interpretação da fala; iv) Perspectiva psicossociológica: formada por membros que julgam e avaliam do mesmo modo as variáveis que permitem diferenciar sociolinguisticamente os falantes”. Segundo o autor, Labov segue o último critério.

tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente – se valer de oposições como “língua e fala”, ou competência e *performance* – significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total (ALKMIM, 2000, p. 35).

É a partir dos estudos de Labov em Martha’s Vineyard (1963) e em Nova York (1966), que a sociolinguística variacionista começa a tomar forma, a surgir como modelo de descrição. Também, com os estudos citados, pode-se comprovar a possibilidade de análise da mudança linguística em curso, e não somente quando finalizada, como acreditava-se. Afinal, Labov (1963), em seu estudo na ilha de Martha’s Vineyard, percebeu a competição de duas variantes ocorrendo na ilha, levando em conta a centralização, ou não, dos ditongos /ay/, como em *right*, e /aw/, como em *house*. De forma breve, “o estudo dos dados mostra que a alta centralização de (ay) e (aw) está intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas [na ilha]” (LABOV, 2008 [1972], p. 48). Dessa forma,

o estudo em Martha’s Vineyard mostrou uma mudança linguística em curso. No caso do ditongo /ay/, houve aumento de centralização em relação a dados anteriores, provindos dos Atlas Linguísticos. Quanto à centralização do ditongo /aw/, foi considerada um fenômeno novo no inglês usado na ilha, ao qual William Labov deu uma explicação de natureza psicossocial. Apoiado em dados qualitativos, provenientes de depoimentos de seus colaboradores, ele interpretou a mudança linguística como uma reação dos moradores tradicionais, especialmente residentes nas áreas rurais que se consideram típicos ianques, à invasão da ilha pelos veranistas. A população local luta para manter sua identidade, enfatizando suas diferenças em relação aos habitantes do continente. Entre os jovens estudantes, a maior centralização foi observada na fala dos que pretendem continuar na ilha (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 57).

Ou seja, levando em conta que a ilha de Martha’s Vineyard, nos Estados Unidos, era um destino turístico de vários visitantes, em época de temporada, vindos do continente, havia duas variantes em competição, a centralização ou não dos ditongos supracitados. Essa competição se dava entre aqueles moradores que queriam ficar na ilha, e acabavam adotando a variante mais utilizada na comunidade de fala, e os moradores que tinham o desejo de sair da ilha e ir para o continente, adotando, assim, a variante mais utilizada entre os veranistas. Podemos conceber então que, “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

A Sociolinguística, então, tem interesse na investigação não apenas dos usos linguísticos que os falantes fazem, mas, também, dos fatores sociais que interferem nesses usos. Levando isso em consideração, o objeto de estudo adotado pela disciplina científica é a língua falada em situações reais de uso. Sendo assim, podemos inferir que

la sociolingüística es una disciplina independiente, con una metodología propia, [...] que estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente en explicar la variabilidad lingüística, de su interrelación con factores sociales y del

papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio lingüístico¹¹ (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 1).

Com relação à metodologia de pesquisa sociolinguística, não há uma regra fixa a ser seguida. Conforme Moreno Fernández (1990, p. 14), “por fortuna o desgracia, dentro del ámbito de la sociolingüística no existe ni unidad teórica ni uniformidad metodológica”.¹²

Todavia, há o consenso de que se almeja estudar a língua falada em situações reais/naturais,¹³ razão pela qual o pesquisador deve se aproximar da comunidade de falantes a ser pesquisada e participar diretamente da interação, ou seja, observar de perto o uso da língua nessa comunidade.

A seleção dos informantes depende dos objetivos, das hipóteses de trabalho e das variáveis sociolinguísticas estabelecidas: *sexo, idade, escolaridade*, entre outras. Diferentemente das pesquisas de cunho dialetológico e geolinguístico, a seleção de informantes pode vir depois da coleta de dados. A pesquisa sociolinguística pode ser realizada com a seleção aleatória de informantes para posterior enquadramento, ou seja, depois de realizadas as entrevistas, o pesquisador separa o informante homem da informante mulher, o informante jovem do idoso e assim por diante. Por exemplo, uma entrevista pode ser realizada só com mulheres, contudo, elas posteriormente podem ser diferenciadas por classe social, idade, ocupação profissional etc., dependendo do objetivo do estudo. Contudo, não há um consenso sobre a quantidade ideal de informantes que assegure a validade e a representatividade das pesquisas sociolinguísticas (MORENO FERNÁNDEZ, 1990).

A coleta de dados pode ser realizada por meio de questionário, conversação, leitura de um texto, leitura de lista de palavras, por meio de narrativas, gravadas, visando à boa qualidade sonora. Conforme o método de entrevista sociolinguística, o pesquisador tem por tarefa minimizar o efeito negativo¹⁴ na fala espontânea do entrevistado causado por sua presença durante a coleta de dados. Dessa forma, o pesquisador, de preferência, deve ser introduzido à comunidade por uma pessoa já pertencente ao grupo e apresentar-se não como linguista ou pesquisador da língua, mas, sim, como um pesquisador da cultura e dos costumes do lugar. Ainda, é importante adequar o comportamento social e linguístico do pesquisador ao da comunidade estudada, quando possível (TARALLO, 2007).

Após a coleta de dados, estes devem ser transcritos e analisados. Em muitos trabalhos sociolinguísticos, a maioria de caráter quantitativo, os dados analisados são codificados e calculados por meio de programas computacionais.

Já no Brasil, de acordo com Mota e Silva (2019), a Sociolinguística advém dos estudos dialetológicos feitos no país anteriormente. Porém, ainda de acordo com as autoras, a preocupação desses estudos dialetológicos era somente com a variação diatópica, ou seja, de acordo com o espaço geográfico do falante.

¹¹ “A Sociolinguística é uma disciplina independente, com uma metodologia própria, [...] que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variação linguística, de sua inter-relação com fatores sociais e do papel que essa variação desempenha nos processos de mudança linguística”.

¹² “Por sorte ou azar, dentro do âmbito da Sociolinguística não existe nem uma uniformidade teórica nem uma uniformidade metodológica”.

¹³ Considera-se uma situação de comunicação real ou natural quando o falante fala espontaneamente, utilizando a variante mais próxima de sua fala cotidiana e sem monitoramento por parte do entrevistador.

¹⁴ Labov (2008 [1972]) chama esse efeito negativo do pesquisador na fala do informante de “paradoxo do observador”.

O marco da Sociolinguística em terras tupiniquins seria o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC)

Quanto aos estudos sociolinguísticos, é possível admitir como marco precursor a implantação, em 1969, do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), primeiro projeto que, embora conservasse interesse pelo levantamento de dados diatópicos e se restringisse apenas a falantes de nível universitário, já se pautava, metodologicamente, por parâmetros sociolinguísticos, como o interesse por normas urbanas, o significativo número de informantes estratificados quanto a três faixas etárias – 25 a 35 anos; 36 a 55 e de 56 em diante – e ao sexo, assim como registro de amostras diversificadas quanto ao grau de espontaneidade do entrevistado – diálogo entre informante e documentador (DiD) e entre dois informantes (D2); elocuições em situações formais (EF); e elocuições sem o conhecimento prévio do[s] entrevistados, tipo que não chegou a ser implementado, face ao regime político no país, na década de 1970 (MOTA; SILVA, 2019, p. 23).

Porém, Freitag (2016) entende que o NURC não se encaixaria na classificação como um trabalho sociolinguístico, tendo em vista que, segundo a autora, o banco de dados não havia seguido a metodologia de pesquisa sociolinguística. Sendo assim, cita outro banco de dados como possível marco para a Sociolinguística no Brasil.

Originalmente como Projeto Censo da Variação Linguística no Estado do Rio de Janeiro, o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – Peul, sob coordenação de Anthony Naro, foi o pioneiro na adoção desses aspectos da metodologia da Sociolinguística Variacionista no Brasil, com o objetivo de estudar o português falado no Rio de Janeiro (FREITAG, 2016, p. 8).

Podemos entender que essa discordância entre as autoras ocorre no nível da metodologia utilizada para o estudo do banco de dados. No entanto, podemos perceber, sim, que os estudos dialetológicos estão ligados aos estudos sociolinguísticos no Brasil, tendo em vista que, posteriormente, “mesmo os estudos dialetológicos são afetados e passam a fazer inúmeras concessões à sociolinguística [...] todos os maiores projetos que eram antes pensados no âmbito da dialetologia, como o projeto NURC, por exemplo, são repensados à luz da sociolinguística” (MOREIRA E SILVA, 2015, p. 133). Além disso, precisamos entender a validade e contribuição do NURC, pois,

no Brasil, identificamos a implementação dos estudos sociolinguísticos, a partir dos desdobramentos dos estudos dialetais. O Projeto NURC, a esse propósito, é considerado um expoente não somente por ter sido a partir dele que se fundaram preocupações variacionistas no país, mas principalmente por ter fomentado a configuração de outros projetos [...]. Atualmente, muitos desses projetos continuam operantes e são responsáveis pelo entendimento da situação sociolinguística do português do Brasil (MOTA; SILVA, 2019, p. 30).

O pesquisador encontra, no mundo contemporâneo, um grande desafio diante das mudanças de ordem histórico-social, como, por exemplo, o papel da mulher na sociedade, da escolaridade ou do bilinguismo. Dessa maneira, seria camuflar a realidade linguística da sociedade atual

não incluir, nos estudos de variação, por exemplo, a variável *sexo*. Conclui-se que as variáveis sociais são de extrema importância na descrição da variação e mudança linguística. Dessa forma, compreendemos que

a sociolinguística [...] estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala, voltando a atenção pra um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (MOLLICA, 2003, p. 9).

Em suma, se a Sociolinguística foi fundamental para cientificar que a variação é inerente à língua e para demonstrar a relevância dos fatores sociais na variação linguística, foi tarefa da Dialetoлогия Pluridimensional, no curso da história, descrever e situar os usos da língua não só no espaço geográfico, mas também em sua distribuição sociocultural e cronológica (MARGOTTI, 2004).

DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

A Dialetoлогия, como ramo da Linguística, foi desenvolvida por estudiosos preocupados com o percurso histórico das línguas, ou seja, seu primeiro objetivo era trazer à tona a história social de uma língua por meio da variação sofrida por ela no decorrer do tempo em determinado espaço geográfico. Portanto, a Dialetoлогия estava diretamente relacionada à Linguística Diacrônica, cuja tarefa era a de registrar e averiguar os processos de mudança linguística (THUN, 2009). Diante disso, ocupava-se da variação espacial e preocupava-se com a variação linguística em áreas rurais, centralizando seu interesse no homem com pouca ou nenhuma escolaridade. No entanto, a partir desses princípios, conseguia-se visualizar as mudanças linguísticas como resultado de processos passados, não permitindo a percepção dessas mudanças em seu processo de produção. Ao considerar apenas a variação diatópica, na tentativa de chegar ao passado por meio do presente, possibilitava a análise de dados relativamente homogêneos. A Sociolinguística, por sua vez, como disciplina que estuda a variação, considera a variação linguística em suas distintas dimensões sociais, contudo, em apenas um ponto, limitando a extensão areal dos dados recolhidos. Conforme Thun (2009, p. 536),

Se a Dialetoлогия monodimensional, e com ela a Geolinguística tradicional, podem-se considerar como má Sociolinguística porque reduzem a variação vinculada à estratificação social, à variação que se dá num estrato só, a Sociolinguística é também uma má Dialetoлогия porque reduz a variação diatópica à variação de um só ponto.

Se a Dialetoлогия tradicional trazia, como grupo de informantes, homens, idosos, com nível sociocultural baixo, rurais, com restrito movimento no espaço e com pouco contato com os de fora, conseqüentemente, estava se distanciando de uma realidade que trouxe mudanças significativas à estrutura social e, sobretudo, aos precursores da mudança linguística. Atualmente, é inegável o espaço ocupado pelas mulheres e pelos jovens na sociedade. Ainda, podemos considerar a escola como um fator primordial à formação sociocultural do cidadão.

Tampouco pode-se desconsiderar a grande migração da população rural para os centros urbanos. Finalmente, não podemos deixar de mencionar a facilidade, nos dias de hoje, de locomoção de uma cidade a outra, além da evolução dos meios de comunicação. Assim, podemos afirmar que a Dialetoлогия tradicional sofreu transformações para adequar-se às exigências das mudanças sociais ocorridas na virada do milênio.

Chamada de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional,¹⁵ essa “nova” Dialetoлогия, em seu escopo, combina a variação diatópica (horizontal) com a variação diastrática (vertical), convertendo o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística. Dessa forma, estuda o comportamento linguístico, nas suas diferentes variedades, diante de dimensões de ordem social e linguística. Ainda, a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional abarca outros fatos que pertencem a outras disciplinas, como a Pragmática e a Psicolinguística (THUN, 1998).

Não se pode precisar o momento exato em que a Dialetoлогия Pluridimensional passa a existir, o que se pode afirmar é que a Dialetoлогия Tradicional/Monodimensional foi acrescentando aos poucos, à sua estrutura diatópica, as variantes sociolinguísticas para acerrar-se da realidade social e linguística.

Conforme Thun (2000, p. 189-190), a Dialetoлогия Pluridimensional considera dimensões da variação linguística: a dimensão dialingual (duas ou mais línguas em contato); a dimensão diatópica (variação atribuída a distintas localidades); a dimensão diastrática (diferentes estratificações sociais); a dimensão diageracional (diferentes faixas etárias); a dimensão diafásica (diferenciação entre respostas de questionários e conversas livres, entre outros estilos de fala), a dimensão diatópico-cinética (grupos sociais estáticos em comparação à mobilidade de outros grupos sociais), a dimensão diassexual (modo de falar de homens e mulheres) e a dimensão diarreferencial (modo de falar do informante contrastado à sua consciência linguística).

Ainda o autor, a respeito da Dialetoлогия Pluridimensional, esclarece que:

[...] o espaço variacional da Dialetoлогия Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetoлогия tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (THUN, 1998, p. 706).

Além disso, não podemos entendê-la apenas como uma junção metodológica da Dialetoлогия tradicional e da Sociolinguística, pois também engloba aspectos e técnicas da análise de línguas em contato (THUN, 2010).

¹⁵ Conforme Moreno Fernández (1990, p. 203), devido à chamada “crise” da Dialetoлогия Tradicional /Monodimensional, muitos autores propuseram novas teorias e metodologias de estudo. Trudgill menciona a ideia de uma “nova” Dialetoлогия, Rona, de uma sociodialetoлогия. Thun (1998) opta pela nomenclatura de Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, diante da proposta terminológica de M. D’Agostinho e A. Pennisi de Sociolinguística Espacial. Seguimos para este artigo a nomenclatura utilizada por Thun (1998).

A Dialetoologia Pluridimensional considera o parâmetro contatual na descrição da variação linguística, dada a importância de serem consideradas também as línguas minoritárias, o bilinguismo, além das condições em que realiza o contato linguístico.

Também pondera, em suas análises, as alternâncias de estilos (dimensão diafásica) durante situações reais de interação social, por isso, normalmente, são selecionados três estilos de fala,¹⁶ a saber: a leitura (L), respostas às perguntas dos questionários (R), e a conversação livre ou dirigida (C). Durante a leitura, o informante está mais tenso e tem maior controle sobre sua fala, durante as respostas ao questionário ele pode se sentir um pouco mais livre, mas ainda está muito atento às respostas e, finalmente, durante a conversação livre ou dirigida ele pode até esquecer que está sendo entrevistado, e, nessa fase, obtém-se o maior grau de espontaneidade (THUN, 1996).

Ainda investiga o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) em contraste com o dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço). Como dito anteriormente, os movimentos migratórios exigem nova metodologia de pesquisa, uma vez que deixa de existir o informante nascido na localidade e sem mobilidade. Além disso, se não levarmos em conta o informante topodinâmico, como explicar o avanço ou o retrocesso de uma variante linguística em determinada área? A comparação entre informantes topodinâmicos e topostáticos também pode ser frutífera, pois pode ser reveladora de manutenção ou mudança de comportamento linguístico (THUN, 1996).

É características da Dialetoologia Pluridimensional a utilização de algumas técnicas e métodos na coleta dos dados, que passaremos a descrever na sequência.

A técnica em três tempos (sugestão/sugestão)¹⁷ busca registrar não apenas a primeira resposta e espontânea do informante, mas também outras respostas conhecidas, que podem ser usadas por ele ou não. Dessa forma, perguntamos, insistimos, para depois sugerir. Com as sugestões, podemos conseguir comentários metalinguísticos acerca dessas respostas. No entanto, para isso o inquiridor deve estar preparado, realizando um estudo anterior à coleta de dados, com uma lista de possíveis variantes para aquela variável a ser documentada. De acordo com Thun (1998, p. 483), “com as sugestões procura-se registrar também os dados que, momentaneamente, na situação da entrevista ou com permanência na cabeça do entrevistado, pertencem a estratos não espontaneamente ativados ou de disponibilidade só passiva”.

A pluralidade de informantes durante a entrevista é outra técnica recorrente da Dialetoologia Pluridimensional, cujo intuito é aumentar a representatividade dos dados. Existem dois tipos de entrevistas com mais de um informante: a primeira é a pluralidade simultânea, na qual dois ou mais informantes participam da entrevista ao mesmo tempo. A segunda é a pluralidade de informantes sucessiva, que consiste em começar a entrevista com um informante e terminá-la com outro. No entanto, ao realizar o inquérito com mais de um informante, estes devem apresentar perfis idênticos. Nesse sentido, podem ser apuradas as convergências e divergências nas respostas dos informantes, além de seus comentários metalinguísticos (RADTKE; THUN, 1996).

¹⁶ Cf. Thun (1995)

¹⁷ O termo *sugestão* tem sido amplamente usado, ainda que não esteja presente nos dicionários de língua portuguesa. Oriundo da língua espanhola, significa *sugestão*. Optamos pelo uso do termo *sugestão* neste trabalho, assim como Thun (1998).

Explanada a teoria, a técnica e os métodos que expusemos com relação à Dialetoologia Tradicional/Monodimensional e à Sociolinguística, passaremos aos tipos de cartografia que nos permitem correlacionar a variação linguística diatópica com as distintas dimensões sociais.

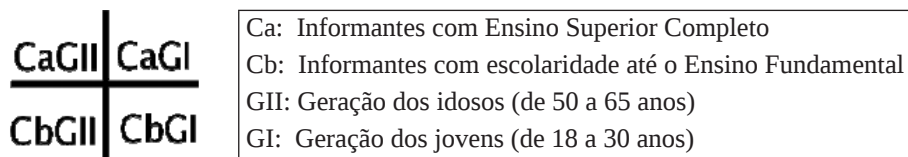
CARTOGRAFIA PLURIDIMENSIONAL

Seguindo os pressupostos da Dialetoologia Pluridimensional quanto à representação cartográfica dos dados em cartas, adotaram-se três tipos de carta,¹⁸ a saber:

- a) cartas fenotípicas sintéticas – com gráfico em formato de pizza, que apresenta a porcentagem das ocorrências distribuídas por localidade (mapa 1);
- b) cartas pluridimensionais – com os dados cartografados separados pela forma de uma cruz, apresenta todas as ocorrências por localidade, distribuídas pelo perfil social de cada informante (mapa 2);
- c) cartas fenotípicas sintéticas por informante – com gráfico em formato de pizza, que apresenta a porcentagem das ocorrências distribuídas por informante, ou pela quantidade de ocorrências com marcas [+Sulistas] ou [+Nortistas] distribuídas na cruz pluridimensional para cada localidade (mapa 3).

A sistematização da macroanálise nas cartas pluridimensionais se dá por meio da representação de uma célula em forma de cruz¹⁹ para cada ponto, na qual os dados foram cartografados com a devida indicação das diferentes dimensões selecionadas para a pesquisa. Os quatro compartimentos da cruz representam os quatro grupos sociais pesquisados por ponto. Na parte superior da linha horizontal, posicionam-se os dados dos informantes que cursaram o Ensino Superior e, na parte inferior, os daqueles que cursaram o Ensino Fundamental; à esquerda da linha vertical, situam-se os da segunda faixa etária (50 a 65 anos) e, à direita, os da primeira faixa etária (18 a 30 anos). Desse modo, com o intuito de contemplar a dimensão diasssexual, teremos, para cada localidade, uma cruz para os informantes do sexo masculino e outra para os do sexo feminino. A figura 1 ilustra a cruz pluridimensional:

Figura 1: Sistematização por meio de cruz - pluridimensional



Fonte: Carlos (2015, p. 107) com base em Thun (2008)

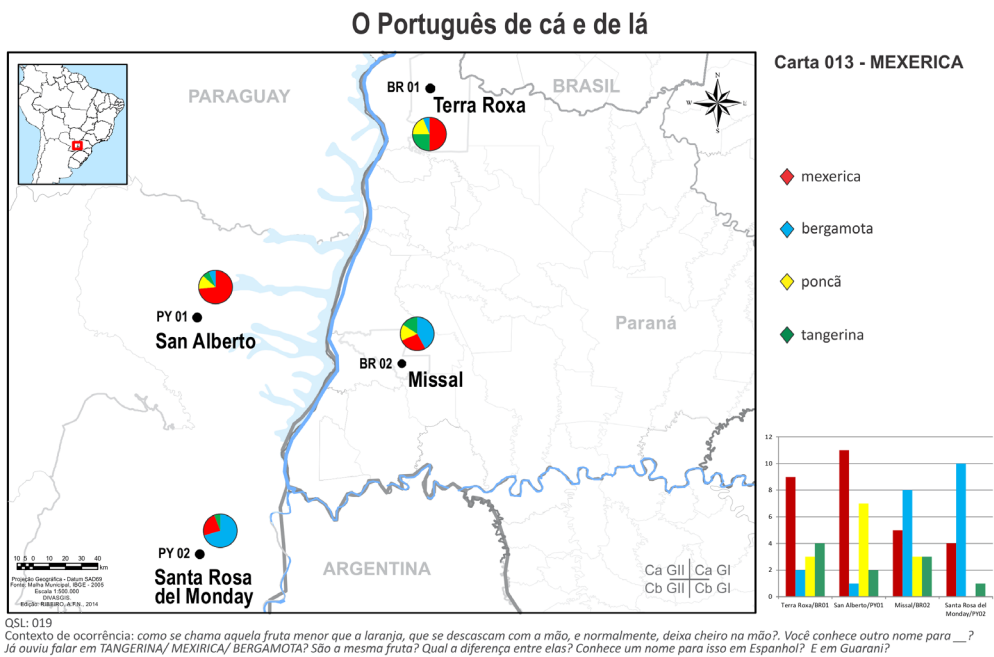
Como mencionamos, os dados aqui utilizados para a exemplificação da cartografia pluridimensional são resultado de uma tese desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina (UEL), cujo propósito foi o de descrever a língua portuguesa falada na região da fronteira do Brasil com o Paraguai, mais especificamente em duas localidades do Estado do Paraná: Terra Roxa e Missal, e duas do Departamento de Alto Paraná: San Alberto e Santa Rosa del Monday,

¹⁸ As cartas apresentadas aqui fazem parte da tese de doutorado de Carlos (2015).

¹⁹ Cf. Thun (2008)

buscando apurar não só a questão do contato entre grupos sociais da fronteira, mas também a interinfluência da variedade linguística de migrantes do Sul do Brasil (variante sulista) contrastando com os que vieram das outras regiões, como a Sudeste e a Nordeste (variante nortista). As entrevistas, baseadas no questionário do ALiB (2001), abarcaram três tipos de questionários: Fonético-fonológico (QFF), Semântico-lexical (QSL), Morfossintático (QMS), além de propostas de duas narrativas, um texto para leitura, e questões de atitudes linguísticas. Entrevistamos homens e mulheres de duas faixas etárias (18-35 e 50-65). Os dados para as localidades brasileiras são apresentados em duas cruces: uma para homens e outra para mulheres, porém, nas localidades paraguaias, como contemplamos também os paraguaios da primeira faixa etária, acrescentamos uma nova coluna à direita da cruz.

Mapa 1: Carta fenotípica sintética/ carta semântico-lexical (Mexerica)

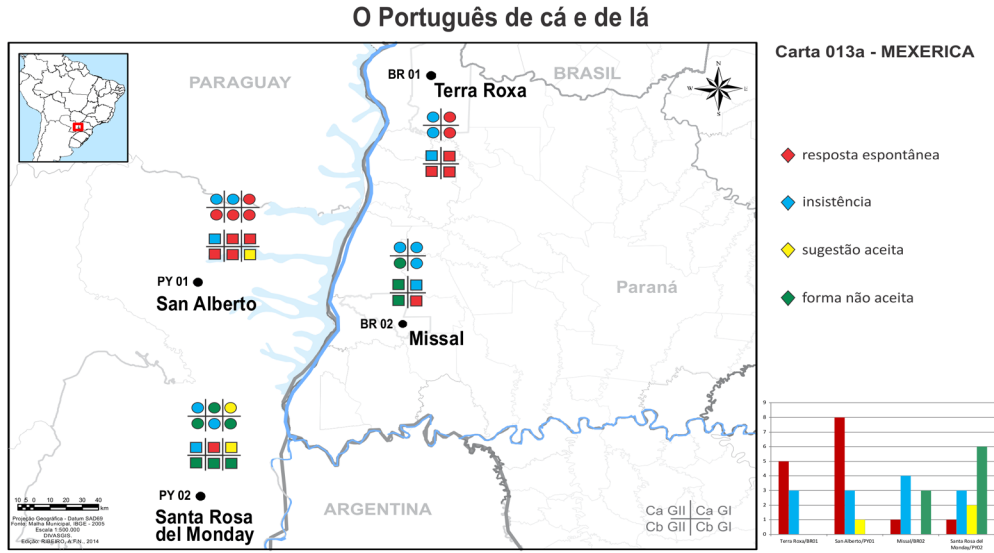


Fonte: Carlos (2015, p. 172)

Como podemos verificar, a carta fenotípica-sintética demonstra, em sua totalidade, as ocorrências de cada variante por localidade, independentemente de fatores sociais, apenas diatópicos. Nitidamente, podemos notar que a variante *mexerica* é mais recorrente nas localidades ao norte e que a variante *bergamota* é a mais produtiva ao sul.

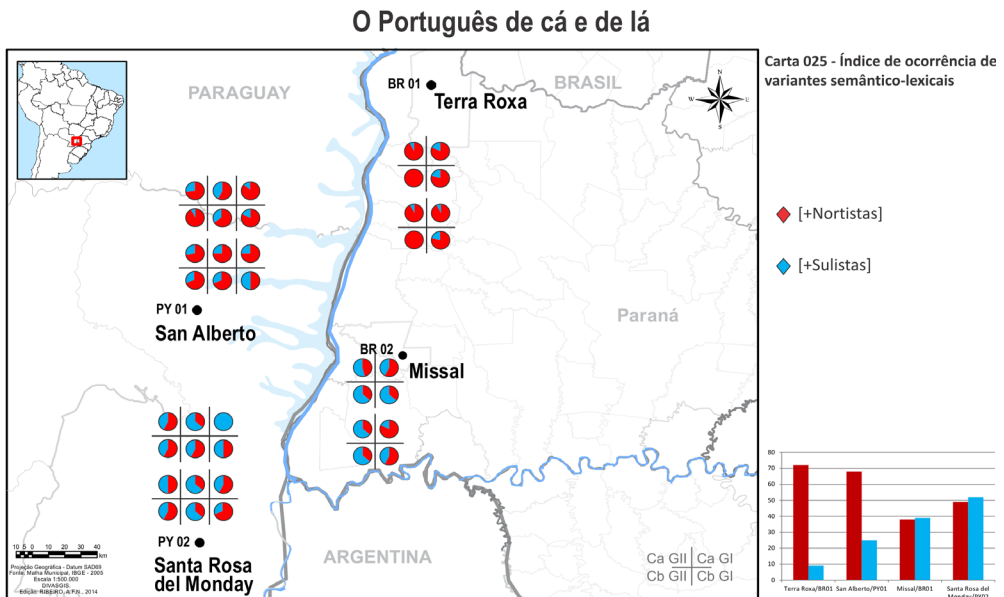
Já na carta seguinte (mapa 2), carta pluridimensional, os resultados nos são apresentados por meio da cruz, o que nos permite averiguar, na resposta de cada informante, além de sua localização espacial, também o seu perfil social. Como exemplo, podemos afirmar que, para as mulheres de terra roxa, independentemente do nível social, as mais velhas responderam “para a fruta menor que a laranja que descasca com a mão”, como primeira resposta e espontaneamente *mexerica*, porém essa não foi a resposta dada pelas mulheres mais jovens. Inferimos que elas conhecem a variante, no entanto não a utilizam.

Mapa 2: Carta pluridimensional/semântico-lexical (Mexerica)



Fonte: Carlos (2015, p. 174)

Mapa 3: Carta fenotípica sintética por informante/carta com todos os itens semântico-lexicais



Fonte: Carlos (2015, p. 248)

Finalmente, a partir de estudos prévios, podemos deduzir as variantes mais utilizadas no sul e também ao norte (entendemos, para este estudo, qualquer estado que não pertença à região Sul do Brasil), e a partir delas que montamos os questionários. Assim que, na Carta Semântico-Lexical fenotípica sintética por informante, comprovamos que as cidades que estariam mais ao norte teriam maior influência de um falar nortista, ao passo que as do Sul, um falar mais sulista, assim representado no mapa 3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse percurso sobre os estudos de variação linguística, podemos afirmar que muito já foi realizado e, ao mesmo tempo, muito há de se realizar. Os dados que colhemos há 50 anos não são e nunca serão os mesmos de agora, pois a língua é viva e social, assim como o ser humano, que se transforma a cada dia, a cada interação com os contatos linguísticos e com o passar do tempo. Lembramos que a descrição de dados linguísticos é apenas o começo de um estudo, pois a partir da cartografia é que devemos nos debruçar para compreender a mudança linguística ou mesmo a manutenção de certas variantes. Parte de uma quantidade de dados muito maior poderá e deverá ser explorada futuramente a partir de Atlas Linguísticos publicados.

Esperamos que este estudo tenha colaborado, com todas suas limitações, para a compreensão dos caminhos trilhados pelas ciências que se dedicam ao estudo da variação linguística. Desde Gilliéron, com o Atlas Linguístico da França, até o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em desenvolvimento desde 1996, com dois volumes publicados.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística domínios e fronteiras**. São Paulo, SP: Cortez, 2012.
- ALVAR, M. ¿Qué es un dialecto? *In*: ALVAR, Manuel. (Dir.) **Manual de dialectología hispánica: el español de España**. Barcelona: Ariel, 2010 [1996], p. 5-14.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhambi, 1955.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: SP. Parábola, 2007.
- BORTONI-RICARO, S. M. **Manual de sociolinguística**. São Paulo, SP: Contexto, 2014.
- CAMACHO, R. G. **Da linguística formal a linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CARDOSO, S. A. M. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.
- CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARLOS, V. G. O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai. 2015. 289 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CARMO, M. C.; CARLOS, V. G. Alçamento Vocálico Sem Motivação Aparente: as vogais médias pretônicas no noroeste do estado de São Paulo. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 114-144, ago. 2019.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectologia**. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO AliB. **Atlas linguístico do Brasil: Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, E. **Sincronía, diacronía e historia**. El problema del cambio lingüístico. Madrid: Gredos, 1988 [1957].

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas: SP. (58.3). p. 1-16. set/dez. 2016.

GARCÍA MOUTON, P. Dialectología y geografía lingüística. In: ALVAR, M. (Dir.) **Manual de dialectología hispánica: el español de España**. Barcelona: Ariel, 2010 [1996].

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 17- 92.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, 2004.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística o tratamento da variação**. São Paulo, SP: Contexto, 2003.

MOREIRA E SILVA, L. H. **Sentidos para uma história da sociolinguística no Brasil na década de 1970**. Campinas, SP: [s.n.]. 2015. 147 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Metodología Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1990.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Documentos 2**. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2006.

MOTA, J. A.; SILVA, A. dos R. Sociolinguística, uma disciplina histórica: retrospectivas, desenvolvimento e aplicações. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**. Cariri: PB. v. 8., n. 2., jul.-dez. 2019, p. 11-35.

NASCENTES, A. **Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

RADTKE, E.; THUN, H. (Ed.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl, 1996.

- RAMÍREZ, A. G. Dialectología y sociolingüística. *In*: ALVAR, M. (Dir.) **Manual de dialectología hispánica**: el español de España. Barcelona: Ariel, 2010 [1996]. p. 37- 48.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].
- SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística**: teoría y análisis. Madrid: Alhambra, 1989.
- SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialectológicos**. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa; Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1957.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidéanos en Rivera. *In*: RADTKE, E.; THUN, H. (Org.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.
- THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX e siècle. *In*: ENGLEBERT, Annick *et al.* (Org.). **Actes do XXII e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 367-388.
- THUN, H. O português americano fora do Brasil. *In*: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.). **Estudos de geolingüística do português americano**. Frankfurt a M.: TFM, p. 185-227, 2000.
- THUN, H. A Geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas. *In*: AGUILERA, V. de A. (Org.). **Para uma história do português brasileiro**. v. VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL. Tomo II, 2009. p. 531-558.
- THUN, H. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. *In*: AUER, P.; SCHMIDT, E. (Org.). **Language and Space**: an International Handbook of Linguistic Variation. v. 1: Theories and methods. Berlin, De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Recebido em: jul. 2020.

Aceito em: nov. 2020.